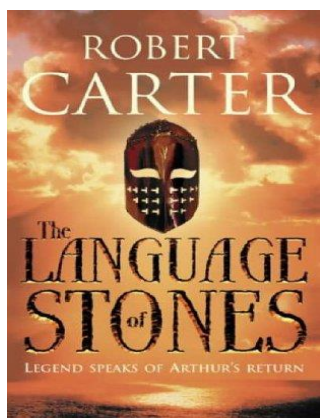




RECENSÕES CRÍTICAS



SÍLVIA CABRAL ALARCÃO,
A LINGUAGEM DAS PEDRAS (2005), TRADUÇÃO
DE
THE LANGUAGE OF STONES (2005) DE
ROBERT CARTER

"A virtude de viajar não é chegar apenas a um lugar qualquer,
é reunir o néctar suficiente para alimentar os pensamentos de um homem."

(Fala de Gwydion, p. 166)

Qualquer leitor que professe o culto dos subgéneros fantástico e maravilhoso, deleitando-se com as obras de, por exemplo, J. R. R. Tolkien, C. S. Lewis, Marion Zimmer Bradley, Jean-Louis Fetjaine, Stephen Lawhead, Juliet Marillier, J. K. Rowling ou, entre nós, Sandra Carvalho e Filipe Faria, iniciará com expectativa a leitura de outras de inspiração congénere. É um salto no escuro; esse leitor corre o risco de se despenhar, se o autor, mesmo se consagrado pelo *marketing*, não lograr abrir uma porta para viagens e universos além do mundo empírico, incorporando ou recuperando mitologias e imaginários.



RECENSÕES CRÍTICAS

A Linguagem das Pedras, de Robert Carter (2005),¹ não irá decepcionar-nos. Logo nas primeiras páginas, o leitor acompanha o protagonista, Willand, como testemunha interessada no périplo d' "este filho de Beltane" que, embora contrariado pela imposição de deixar a segurança do Vale, magicamente protegido por Gwydion, para seguir o seu mentor, supera a pulso firme as provas que o habilitarão a ser um catalisador de mudança no mundo em desagregação, depredado pelo egoísmo e pela cupidez desenfreados das elites, sob o governo túbio de um rei indiferente à luta entre os barões. Recria-se um reino que não é a verdadeira Grã-Bretanha do século XV, embora inspirado nela, pois a magia flui nas veias da terra. O povo, sobretudo o rural, que tem a coragem de honrar os Costumes Antigos, ministrados pelos venerandos Druidas, mágicos e Homens e Mulheres sábios, talvez se salve, se sobreviver à voragem desmedida dos nobres e do clero; estes, identificados como "Os Sem Visão" apostados em propagar "A Grande Mentira", aniquilam e/ou desvirtuam sistematicamente a Antiga Sabedoria, transfigurando as cerimónias druídicas, que celebravam a ligação sagrada entre os Homens e a Natureza, em rituais ocultos da religião oficial e impondo-se pelo gume do terror, legitimado pelos detentores do poder.² Se o rei desposou a terra e ambos formam um só, este usurpador não cumpre o seu dever; inversamente, Will, aprende a sintonizar-se com o ritmo da Terra, com as suas linhas de poder e os segredos das pedras guardiãs.³ A salvação só será viável se Will e Gwydion realizarem com sucesso a demanda das pedras malditas, impedindo o flagelo da guerra, acalentada pelos poderosos como uma estratégia para a

¹ Este é o primeiro volume de uma trilogia, que o autor designa por "(...) mythic historical cycle because is linked to British historical mythology." Em Portugal, porém, os restantes não terão sido publicados e a obra, segundo informação prestada pela Livraria Bertrand, encontra-se descontinuada.

² "Eles roubaram os melhores locais do reino e poluíram-nos - disse amargamente o mago. – Bosques sagrados, cromeleques e dólmenes, destruíram tudo. Eles não compreendem nem amam a terra..." (p. 198). "Os Sem Visão procuram enganar o povo, afastá-lo do verdadeiro conhecimento e governá-lo com o chicote do medo e da falsidade." (p. 356)

³ Uma abordagem interessante a desenvolver seria relacionar a obra de Carter com o trabalho de Paul Devereux, 1993.



RECENSÕES CRÍTICAS

obtenção de mais poder e riqueza, incapazes de descortinar que esta, orquestrada pelo malévolo e poderoso feiticeiro Maskull e coadjuvada pelas Pedras de Guerra, poderá ter consequências inimagináveis.

O romance prende-nos pelo poder das descrições, que nos catapultam para ambientes e cenários habitados por personagens creíveis e bem retratadas, algumas encantando-nos pelo imprevisto dos seus móveis e acções. À medida que as peripécias se sucedem, interrogamo-nos sobre a verdadeira identidade de Will, em quem Gwydion parece rever "O filho da Profecia". Este órfão de treze anos sofrerá uma gradual aprendizagem, sob a égide do mago: "se tu fores o Filho do Destino, então terás de ser protegido da influência de Maskull. Já percebeste?"⁴

Ao longo da narrativa, acumulam-se, reveladores, os sinais: Will, com "o coração gelado", enfrenta, à noite, no "Bosque do Pescoço Cortado", presenças fantasmagóricas. Só, dominando o medo, reconhece em si uma força serena, aliada à intuição, compreendendo que, ao transpor o local sagrado, terá de reverenciar os seus habitantes; intrépido, passa a prova, pelo que lhe cabe o prémio de se encontrar na presença do *Green Man*. Progressivamente o jovem entrega-se ao fascínio, por vezes intimidante, da magia, descortinando espectros e outros seres, dominando feitiços e descobrindo o seu verdadeiro Dom; paralelamente, aprende a viver no mundo tão diferente do Vale; revela-se altruisticamente capaz de enfrentar os piores terrores para salvar, com risco de vida, socorrendo-se da magia, um amigo, sob o fascínio da Pedra do Dragão. (p. 187)⁵ Quanto a Gwydion, este provará não ser um homem como os demais, sem qualquer vestígio de vaidade ou arrogância, mas alguém munido de uma profunda sabedoria ancestral e humana,

4 "Tens de ser preparado para poderes cumprir o teu destino. A ideia era grandiosa, terrível. Will queria esconder-se dela. - Mas... e se eu não quiser ser *preparado*? - O que tu queres não é para aqui chamado. Tens de ser preparado, é uma das minhas tarefas..." (p. 98)

5 "Era tudo muito diferente do Vale, onde todos olhavam uns pelos outros e o respeito de um homem - bem como o respeito por si próprio - dependia muito da sua capacidade de ajudar os outros." (p. 243); "A guerra era uma coisa horrível, provocada pela ganância dos nobres e durante a qual o povo sofria e morria." (p. 311)



RECENSÕES CRÍTICAS

evidenciando uma reverente e íntima comunhão com os animais e a natureza, dominando a linguagem sagrada e, através dela, subjugando os elementos e transfigurando pessoas e animais. Gwydion é um mestre na arte da ilusão e da persuasão; locomove-se, e ao seu pupilo, para além do tempo e do espaço; como ele próprio explica, embora dotado de clarividência e do dom da profecia, não é onisciente, onipotente ou imortal, mas alguém que ultrapassa as fraquezas e os obstáculos ao serviço de um ideal que o transcende, apelando ao poder do conhecimento; só mais perto do final colocaremos a hipótese de Willand poder ser uma reencarnação de Artur e Gwydion de Merlin.

Saliente-se que Robert Carter parece conhecer a mais ancestral religião da terra --- o xamanismo ---, que influenciará decisivamente, quer o misticismo celta, quer o druidismo. Magia, para Gwydion, é viver em harmonia com a natureza, as plantas e os animais, com quem dialoga; os xamãs ensinam que todos temos um espírito, pelo que podemos comungar/dialogar com os restantes seres; nunca deveremos servir-nos das dádivas da natureza sem respeito ou moderação, solicitando consentimento à árvore antes de lhe cortar um ramo ou honrando o animal caçado por necessidade; os ignorantes, por ganância, dizimam a natureza, aniquilando as árvores e caçando por desporto. Respeitar a terra, estar em consonância com os seus ciclos e estações, celebrá-los e procurar viver em perfeita harmonia com os outros e o cosmos é a filosofia do xamanismo.⁶

⁶ "A terra dá livremente aquilo que um homem sábio precisa e agarra-se ao que os loucos não devem possuir. (p. 117); "Em seguida, [Gwydion] dançou, deu alguns passos e voltou a dançar. (...) o mago varreu as cinzas da fogueira e espalhou-as (...) parecia agradecer à erva por os ter recebido tão bem" (p. 106); "(...) estás [Will] mais ligado com o espírito deste lugar sagrado do que eu esperava." (...) O procedimento era ritual, um dever sagrado e solene, (...) para assinalar a generosidade da terra, ocasião para as pessoas darem graças." (p. 112); "(...) Gwydion tentava ensinar a Will os truques [falha da tradução, *skills*?] da abertura da mente. (...) os nossos sentidos são limitados (...). Tens de aprender a deixar cair as barreiras que te impedem de ver o mundo como ele é na realidade." (p. 362); "Aquele que se envolve com a magia deve sentir a verdade no coração." (p. 58); "A verdadeira força nunca prejudica a beleza ou a harmonia, confere-a." (p. 59)



RECENSÕES CRÍTICAS

São de lamentar as deficiências, algumas delas graves, a nível da tradução e/ou revisão final. A versão portuguesa recorre a registos e níveis de língua por vezes inadequados ao contexto, utilizando excessivos coloquialismos, como "toda a gente", "giro", etc. O autor e a narrativa sobrevivem à prova de fogo da tradução.

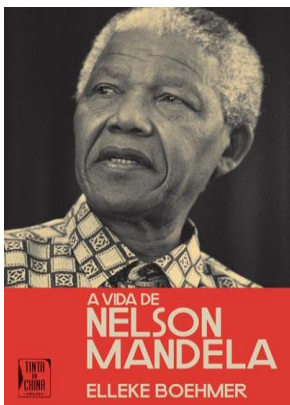
Referências:

Carter, Robert, *A Linguagem das Pedras*. Tradução de Irene Daun e Lorena e Nuno Daun. Lisboa: Bertrand Editora Lda, 2005 (*The Language of Stones*, 2004).

Devereux, Paul, *O Xamanismo e as Linhas Misteriosas*. Lisboa: Editorial Estampa, col. "Espelho Mágico", 1993.

Entrevista em <https://www.smashwords.com/interview/RobertCarter>.

www.languageofstones.com



TERESA PINTO COELHO,
A VIDA DE NELSON MANDELA (2014), TRADUÇÃO DE
NELSON MANDELA. A VERY SHORT INTRODUCTION (2008) DE
ELLEKE BOEHMER

Elleke Boehmer, *A Vida de Nelson Mandela* (Lisboa: Tinta-da-China, 2014).



RECENSÕES CRÍTICAS

First published as: Elleke Boehmer, *Nelson Mandela. A Very Short Introduction* (Oxford: Oxford University Press, 2008).⁷

Biography, a literary genre that is very common in Britain (not so much in Portugal until very recently), has evolved over the course of time. One has only to think of Lytton Strachey's *Eminent Victorians* (1918), an iconoclastic biographical study of four previously revered Victorian figures, to understand the shift from the depiction of exemplary lives to the debunking of bourgeois society and its hypocrisy from a post-World War perspective.

In recent times, as Hermione Lee, an expert in biography, has pointed out, 'the line we draw between the private and the public has changed. The ambivalent overlap between the 'public sphere' and the private life has been a contentious issue since the rise of mass media. In the late 20th and 21st centuries, the presentation of the ordinary person's (as opposed to the famous person's) everyday private life for public consumption in Western culture has developed rapidly and dramatically out of the new affordable technologies and trends'⁸

Elleke Boehmer's biography of Nelson Mandela, originally published by Oxford University Press in the prestigious series 'Very Short Introductions' and now translated into Portuguese as *A Vida de Nelson Mandela*, has been considered by some a political biography. It is much more than that, however. It is more complex and, therefore, much more interesting, precisely because it takes into account Mandela's personal life.

⁷ Elleke Boehmer is internationally known for her research in postcolonial writing and theory. She is Professor of World Literature in English at the University of Oxford and a Fellow of Wolfson College, Oxford. Besides *Nelson Mandela. A Very Short Introduction*, she is the author of many books, among which: *Colonial and Postcolonial Literature: Migrant Metaphors* (Oxford: Oxford University Press, 1995 and 2005); *Empire the National and the Postcolonial, 1890-1920* (Oxford: Oxford University Press, 2002 and 2004), *J. M. Coetzee in Context and Theory* (co-edited with Robert Eaglestone and Katy Iddiols) (London / New York: Continuum, 2009), *The Post-Colonial Low Countries* (Lanham, Maryland: Lexington Books, 2012), *Indian Arrivals, 1870-1915* (Oxford: Oxford University Press, 2015). She is also a creative writer. She has published five acclaimed novels: *Screens Against the Sky* (1990), *An Immaculate Figure* (1993), *Bloodlines* (2000), *The Nile Baby* (2008) and *The Shouting in the Dark* (2015).

⁸ Hermione Lee, *Biography. A Very Short Introduction* (Oxford: Oxford University Press, 2009), p. 9.



RECENSÕES CRÍTICAS

Boehmer's acclaimed book is, as expected, about Mandela the politician and the man of state, Mandela the prisoner and the postcolonial humanitarian, the man of astonishing strength and moral conviction, the champion of reconciliation. It attempts, nonetheless, to refrain to depict Mandela as exemplary by pointing out other possible, alternative, readings: Mandela the man of fashion, the admirer of women, the performer, the manipulator of images.

Hence, its thematic organization. The three initial chapters, that traditionally study Mandela's life and its connection with the History of South Africa from a chronological perspective, are followed by another five organized according to specific themes that convey different, sometimes contradictory, dimensions of Mandela's life and persona. It is to the thematic chapters of the book that I am briefly going to refer to.

Devoted to political and cultural models that might have influenced Mandela, chapter 4 examines the historical inspirations that together created the figure of this extraordinary man. Like some other biographers who preceded her, Professor Boehmer establishes a relationship between Mandela and Ghandi, as well as between Mandela and Martin Luther King. But she goes further and places Mandela in an interesting relationship with Franz Fanon (in recent years, she has also been drawing comparisons between Mandela and Obama).

Also in chapter 4, she explains how Mandela (like Gandhi) was partly the product of a Victorian education that taught him values he would pursue all his life: social responsibility, fair play, self-help, self-reliance, among others, and to what extent he was an admirer and reader of some of the great authors of European culture:

"Embora Gandhi e Mandela trabalhassem contra os impérios vitoriano e depois eduardiano e o que se lhes seguiu, em certos aspectos ambos eram produto deles. Receberam uma instrução de ingleses negros em instituições educacionais do Império e formaram-se como advogados dentro dos seus sistemas jurídicos. [...]. Apesar da rejeição total, por parte de Gandhi, da



RECENSÕES CRÍTICAS

civilização moderna, ele partilhava com Mandela um respeito pelas tradições britânicas de justiça e de democracia, e um apreço por certos aspectos da cultura europeia, em particular pelas grandes obras do Ocidente liberal. Emotivamente, Gandhi citou Tennyson para convencer os ingleses a saírem da Índia. Mandela recitou Henley para se motivar na prisão. Ambos perfilharam as virtudes essencialmente vitorianas de auto-ajuda e de confiança em si (p. 129)."

Other authors are referred to in Professor Boehmer's book, namely Shakespeare, whom Mandela read, together with Tennyson, at the University of Fort Hare.

The following chapter, chapter 5, studies Mandela's concern with image. We learn how, starting in Sophiatown in the 1950s, he becomes a sophisticated man in smart clothes, a follower of fashion, a man aware of his physique and glamour.

This interesting idea is further developed in chapter 6 where Mandela is envisaged as 'masculine performer'. Here it is argued that clothing and style were central to how Mandela projected his different public personae. For instance, Boehmer analyses how, when he (and Winnie) entered court after his 1962 arrest he was wearing traditional Xhosa dress – a leopard-skin kaross - as a symbol of his people's historical aspirations. She further illustrates her argument by pointing out that, after his release, Mandela took to wearing colourful Madiba shirts that became his trademark.

This chapter also highlights Mandela's masculinity establishing an interesting relationship between his leadership and his masculinity, as well as his friendships with clever beautiful women and fashion icons.

My favourite is chapter 7, though, about Mandela's prison garden. As is pointed out, Mandela's garden was not merely decorative, but nutritive. It produced chillies, tomatoes, watermelons, peppers, cucumbers.



RECENSÕES CRÍTICAS

Very intelligently, Boehmer interprets the different roles played by this kind of garden:

"Além de oferecer um refúgio longe do mundo mórbido da prisão, embora continuasse encarcerado, cultivar uma horta podia, por outras palavras, assemelhar-se, em alguns aspectos, à criação de uma comunidade auto-suficiente ou de uma nação - assim como à reconstrução de um eu. Ao fazer brotar vida da terra, Mandela compreendeu que a violência se revelaria adversa à unidade da nação [...]."

Também a um nível interpessoal, a jardinagem proporcionava a criação de interesses comuns entre prisioneiros e guardas, ao encontro da convicção que Mandela tivera desde cedo de que, "no fundo, todos os homens são decentes". Provavelmente, a jardinagem – actividade "livre" e construtiva – tornou-se a dimensão essencial através da qual compreendeu que o reconhecimento mútuo da humanidade – o conceito regenerador de ubuntu – era fundamental para a transformação nacional. Considerando estas diferentes perspectivas no seu conjunto, vemos que foi na prisão que se afastou decisivamente da ideia da luta política enquanto conflito racialmente polarizado (p. 199).

The last chapter of the book is about Mandela's ethical legacy. The author shows Mandela's humanist vision and demonstrates how he increasingly saw others not as members of a specific group or party, but as fellow human beings:

"Em relação ao pensamento pós-colonial em África, que convencionalmente tem incidido no conflito polarizado de opressor e oprimido, Mandela recuperou a ideia do semelhante – o ser considerado não como algo de fixo, mas como fluido, multifacetado, poético e, mais importante ainda, definido através da reciprocidade. A sua visão política derivou da prática anticolonial e anti-apartheid, embora tenha evoluído nos diálogos e negociações com o inimigo durante os anos que passou na prisão, convertendo-se numa esperança de envolvimento que desafiava a antinomia (p. 212)."



RECENSÕES CRÍTICAS

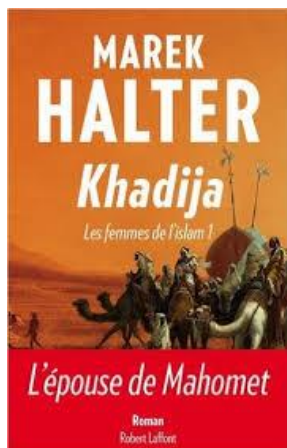
Since it was first published, Elleke Boehmer's book has had a wide impact among critics and biographers. For instance, in the Cambridge Companion to Nelson Mandela published in 2014, it is frequently quoted, as a matter of fact, in almost every chapter. There are references to her book on no less than 10 topics: African women and nationalism, film images on Mandela, Mandela as gardener, as a living ghost, Mandela's biography as national allegory, Mandela's postcolonial implications, his prison life, his self-representation and also his verbal performances (Mandela's speeches being among the sources of Boehmer's study).

Two years after Mandela's death (December 2013), it is worth quoting from the Preface that was especially written for the Portuguese edition a year ago:

"Quem se encontra por detrás do símbolo Nelson Mandela? Que vemos quando contemplamos os seus olhos risonhos? Acima de tudo, tendo em conta a sua complexa personalidade, é pela humanidade e cordialidade histórica que Nelson Mandela será recordado. Ele criou reciprocidade onde esta não existia, ao sublinhar que, de um modo geral, amigos e inimigos partilhavam os mesmos objectivos, temores e desejos. Pegou na mão do seu carcereiro e na do seu camarada e uniu-as, afirmando que, afinal, lutavam pelo mesmo pedaço de terra. Abordou outros, não como membros de uma determinada raça ou grupo, mas enquanto seres humanos. Onde anteriormente reinara a divisão e o ódio, ele forjou interacção. Por isso, merece ser recordado não apenas como um símbolo ou busto de mármore, mas como uma figura cimeira de humanidade comum e de manifesta e imensa coragem. Por ter sido um ser humano extraordinário e por ter realizado sacrifícios sobre-humanos, o espírito de Mandela continuará a viver (pp. 12-13)."



RECENSÕES CRÍTICAS



EVA-MARIA VON KEMNITZ,
**KHADIJA. A MULHER DE MAOMÉ (2015), TRADUÇÃO
DE KHADIJA. L'ÉPOUSE DE MAHOMET (2015) DE
MAREK HALTERN**

A (in)compreensão das sociedades árabe-islâmicas deriva de interpretações nem sempre correctas, às vezes tendenciosas, sendo uma delas a abordagem muito crítica da situação subalterna da mulher muçulmana, apontada como uma das principais razões das desigualdades sociais que atingem, assim, a metade da população dessas sociedades. É uma visão corrente, profundamente enraizada nos espíritos ocidentais, mas terá sido sempre assim?

Baseando-se nos factos históricos, a publicação em apreço procura questionar esse entendimento, muito embora se situe no âmbito de romance histórico. *Khadija. A Mulher de Maomé* constitui o primeiro volume da trilogia *Mulheres do Islão*. Acaba de ser publicada a tradução portuguesa do segundo volume *Fátima. A Filha de Maomé* [título do original: *Fatima, La Fille de Mahomet*, Paris: Robert Laffont, 2015], estando anunciado já o terceiro



RECENSÕES CRÍTICAS

volume *Aïcha. A Bem – Amada do Maomé* [título do original: *Aïcha*, Paris: Robert Laffont, 2015].

Khadija. A Mulher de Maomé remete para um período do advento do Islão no início do século VII, enquanto os volumes subsequentes acompanham os primórdios do Islão, abarcando a vida do Profeta Muhammad e dos seus sucessores imediatos.

Nesse contexto de uma verdadeira revolução religiosa e sócio política destaca-se a figura central de Khadija bint Khuwaylid (555?–620), oriunda da mais importante tribo de Meca, a dos Quraysh e viúva de um rico comerciante de Meca e que depois da morte do marido, assume a condução dos negócios, multiplicando a fortuna. É uma mulher independente, consciente do seu poder e dos seus atributos de inteligência e de beleza.

As caravanas que levam e trazem as mercadorias são conduzidas por homens e Khadija acaba de contratar mais um, Mohammad ibn Abdallah, um órfão, recomendado pelo seu tutor. Este, pelo seu mérito, vai conquistando reconhecimento e confiança. Passados uns anos, Khadija propõe-lhe casamento, o que ele aceita. De "*homem insignificante*" passa a ser, graças à posição social da Khadija, um dos homens influentes em Meca.

Meca, na altura, era um importante centro de comércio onde convergiam rotas que conduziam ao Oriente, à África, à Síria e ao Yemen e por onde circulavam mercadorias, pessoas de várias religiões, incluindo cristãos e judeus, ao lado de politeístas, predominantes naquele tempo na Arábia. Circulavam também as ideias, estando prestes a brotar uma nova, a de um novo monoteísmo, o Islão, transmitido à humanidade pelo Profeta Muhammad, Muhammad ibn Abdallah, marido da Khadija bint Khuwaylid. O advento desta nova religião e a sua posterior expansão alterou os destinos da Arábia primeiro, e depois de largas partes da Ásia, África e Europa. Actualmente, o Islão está, de novo, em enfoque por razões que num mundo globalizado dizem respeito a todos.



RECENSÕES CRÍTICAS

Enquanto mulher, Khadija voltou a encontrar felicidade nesse já terceiro casamento, sendo amada e estimada. Muito embora fosse corrente os homens da Arábia praticarem a poligamia, Khadija permaneceu durante 25 anos de casamento como a primeira e única mulher de Mohammad. Foi mãe de quatro filhas e de dois filhos, falecidos ainda crianças, mas o que a faz ocupar um lugar especial na história do Islão foi ter sido a primeira a acreditar na revelação que Muhammad ibn Abdallah ia recebendo. Khadija foi a primeira mulher a abraçar o Islão, sendo, por isso, considerada a "Mãe dos crentes". Passou a encarnar um modelo de comportamento, de devoção e generosidade para outras muçulmanas. Em particular, as mulheres de hoje encontram nela um modelo de mulher activa e lutadora.

Uma recente biografia *Khadija* (2007) da autoria de Resit Haylamaz sublinha o seu papel de liderança nas primeiras horas difíceis da afirmação do Islão, ecoando esta imagem num outro estudo *Untold: A History of the Wives of the Prophet Muhammad* (2010) de Tamam Khan.

A excepcionalidade de Khadija, frequentemente referida como Khadija al-Kubra ou Khadija a Grande, reside no facto de ter sido mulher do Profeta Muhammad e no apoio incondicional que lhe deu ao acreditar e apoiar com coragem e determinação a sua missão profética nas condições adversas.

Porém, é mister ter presente que no tempo dela houve outras mulheres que se notabilizaram pela participação na vida literária e política, mas depois a história escrita por homens, apagou essa memória. Também várias mulheres do círculo familiar do Profeta, outras mulheres, a filha Fátima e mais tarde uma das netas desempenharam o papel de relevo. Estudos recentes, alguns da autoria de mulheres, restituem essa consciência como, por exemplo, *Le harem politique. Le Prophete et les femmes* (1987) de Fatema Mernissi, socióloga marroquina ou ainda *Loin de Médine* (1991) da escritora argelina Assia Djebar, bem como *The Scimitar and the Veil: Extraordinary Women of Islam* (2004) da estudiosa americana Jennifer Heath, sendo testemunhos de outras posturas de mulheres.



RECENSÕES CRÍTICAS

A narrativa desenvolvida em *Khadija. A Mulher de Maomé* segue factos históricos, reconstruindo o panorama sócio-religioso vigente em Meca, focando costumes, rituais e peregrinações, rivalidades entre diversos clãs. Caracteriza bem o ambiente propício para surgimento de ideias monoteístas, já conhecidas através dos contactos com judeus e cristãos e através da existência de homens entregues à meditação e ascetismo, no caso representado por um parente da Khadija, o *hanif* Waraqa ibn Nawfal, uma personagem real. No que respeita à relação de Khadija e Muhammad ibn Abdallah, o autor privilegia aspectos de foro afectivo e familiar. A Revelação que se manifesta ao longo de anos, as dúvidas que assaltam Muhammad, estão resumidas no livro nos últimos capítulos que a licença literária permite, criando simultaneamente curiosidade para a história que outros volumes irão desvendar.

O trabalho da tradutora afigura-se meritório no cuidado que teve a transpor para a língua de Camões ideias e conceitos próprios de uma religião e cultura distintas. Certamente, por lapso, que o nome de uma das filhas de Khadija aparece sempre grafado "Ruqalya" em vez de "Ruqayya".

O autor, Marek Halter, cuja infância decorreu no gueto de Varsóvia, conheceu - durante um internamento imposto - um país muçulmano, o Uzbequistão. Desde os anos 50, reside em Paris. Na sua vasta obra, escrita em Francês, retratou várias personagens históricas, entre outros, Jesus e as mulheres da Bíblia, demonstrando um sentido crítico e empenho em combater manifestações de antisemitismo e atitudes de preconceito relativamente a outras maneiras de encarar o mundo.

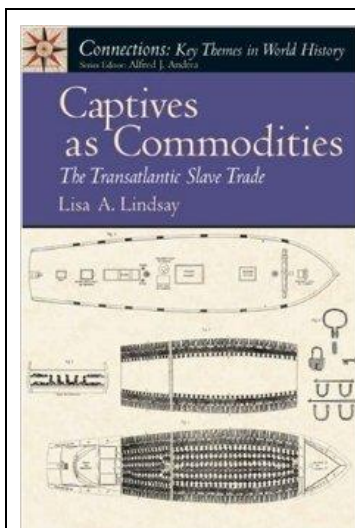
O formato de romance histórico da trilogia de *Mulheres do Islão* de que *Khadija. A Mulher de Maomé* constitui a primeira parte, é capaz de suscitar um maior interesse e exercer um impacto significativo junto de um público mais alargado do que um estudo de cariz académico, pela sua natureza acessível apenas a um número restrito de leitores. Por isso, é de esperar que este livro seja oportuno para questionar as ideias preconcebidas acerca do Islão, contribuindo para promover um olhar despido de preconceito, tornando-se num



RECENSÕES CRÍTICAS

antídoto ao banho mediático de todos os dias, propagando exclusivamente uma imagem negativa do Islão. No contexto presente em que o espectro do islamismo, por muitos erroneamente equacionado com o Islão, *Khadija. A Mulher de Maomé* poderá ter um papel positivo nesse combate de ideias.

Eva-Maria von Kemnitz



RASHEED J. ATWATER,
CAPTIVES AS COMMODITIES: THE
TRANSATLANTIC SLAVE (2008),
L. A. LINDSAY

Lisa A. Lindsay's *Captives as Commodities: The Transatlantic Slave Trade* gives answers to two questions: Why did Europeans buy slaves? And why did Africans sell slaves? Through the course of the first two chapters of her book she answers the first questions for the most part accurately, and then answers the second question with debatable and inaccurate



RECENSÕES CRÍTICAS

statements. The goal of this review is to critically address the author's record of events, especially her description of the African influence on the slave trade.

Lindsay claims that Europeans bought slaves because; "neither most Europeans nor any other significantly large group of people in the early modern world saw slavery as especially objectionable" (p. 23). She later gives her second reason for Europeans to enslave Africans when she stated that "they [Europeans] began to deal in African slaves obviously, only after they could do so (p. 23)". When making this claim the author must have obviously overlooked the year 1485, when Diogo Cão came back to the Kongo kingdom and took four nobles from Mpinda, at the mouth of the Congo River to Portugal (Vansina). She has also ignored Walter Rodney and his work *West Africa and the Atlantic Slave-Trade* where he clearly stated that "at first the victims of the slave-trade were taken from among the people of the waterside; but as the years went by, it was found necessary to travel further and further inland to obtain the number of slaves required by the Europeans" (Rodney, 1967, p. 4).

My disagreement with Lindsay is not to say that all Africans were kidnapped by Europeans nor is it to deny the collaboration between Africans and Europeans during the slave trade. My disagreement is with her stating that they bought African slaves because slavery was not especially objectionable. Although she is right about the way slavery was a regular practice in the modern world as a result of war, regulated by laws that protected those thus enslaved, trading, that is, the act of buying and selling human beings as if they were merchandise, was a totally dehumanizing new practice introduced in Africa by Europeans (Rodney, 1967, 1972; Karenga, 2002; Davidson, 1961, 1977; Asante, 2007).

Likewise, when she claims that they bought them only after they could do so, she totally ignores the historical evidence of the kidnappings and raidings that took place before the "cooperative" trade.



RECENSÕES CRÍTICAS

The two answers given by Lindsay are too simplistic to explain the true motivation behind European's interest in the slave trade. Although she later goes into more detail on the importance of having enslaved Africans when she explained the reasons that led to the extinction of contractual indentured servitude, Lindsay overlooks historical facts in favor of personal interpretations. She writes: "the increasing difficulty of recruiting and managing European indentured servants (...) and the servants they did have organized rebellions against the cruel work regimes imposed on them. Under such circumstances, planters began to accept the coast of African slaves as necessary to ensure a stable workforce." (p. 32). Here Lindsay explains one of the real motives why Europeans bought and took African slaves, not just because they were allowed to, but also because they were cheap and necessary to ensure a "stable workforce" under the coercion of the brutal system of chattel slavery particular to the modern world.

The second question she answered was by far the most controversial. When asked why Africans sold slaves to Europeans she simply answered by saying that "African leaders and merchants who entered the slave trade did so voluntarily, on their own terms ... European slave dealers acquired slaves through peaceful trade that was regulated by African governments." (p. 57) Here Lindsey makes two claims that are contrary to fact. If in many instances Africans took part in the slave trade it certainly was not on their own terms and coercion and/or trickery was often the means through which European slave traders gained access to large number of enslaved Africans (Rodney, 1967, 1972; Karenga, 2002). The author seems to be oblivious of historical evidence here as well by failing to recognize the disruption caused by Europeans on African nations, modes of production, and social organizations through the use and introduction, trade/exchange of guns by captives, and the promotion of internal warfare (Rodney, 1967; Karenga, 2002; Davidson, 1961, 1977; Asante, 2007). If the slave trade was only on African terms then the Africans who were in their prime would not have been taken, the European merchants would have bought slaves in groups instead of one



RECENSÕES CRÍTICAS

by one like the Africans insisted, Europeans would have bought sick slaves, Europeans would have bought older slaves, and Europeans would have offered African traders a present before doing business (Rodney, 1967, p.15). Also the term peaceful in most regards means undisturbed; raids and kidnappings are not only disturbing, but they are not peaceful.

On the other hand, African Governments did regulate slavery in their territories. For this reason, when they first started exchanging slaves with European traders they were unaware of the dehumanizing fate that was befalling enslaved Africans at the mercy of the European system (Equiano, 1999). But the cannons on the European fortifications where enslaved Africans were held captive, and the conditions of their captivity show that this was not a peaceful regulation. If some manipulated and corrupted African governments found themselves in position to profit from the benefits brought to them by exchanging slaves for guns, many others did not acquiesce to corruption and repudiated the imposition of laws to favor slave trade. For instance, due to the slave trade, punishment for crimes like adultery changed from paying a fine to being sold into slavery (Rodney, 1967, p.10).

Lindsay's assertions are historically ill grounded and cannot be considered sound scholarship. Lindsay is trying to paint a picture of cooperative trade between Africa and Europe especially when she writes that "Africans' position of strength vis-à-vis Europeans in the early years means that they were not forced to sell slaves" (p. 56). By making these claims Lindsay is completely ignoring the dynamics of the gun cycle, which created the situation where "African rulers found themselves selling slaves to get guns to catch slaves to buy more guns" (Rodney, 1967, p. 21). Still according to Rodney (1967), when Africans realized that they could make a profit exchanging guns for captives, warfare broke out and a hysteria and paranoia of being captured was created (p.9). This gun cycle is far from being a cooperative enterprise.

To make her point, Lindsay goes on to say that Benin benefited from the slave trade by expanding their territories without any critical appraisal of its devastating consequences



RECENSÕES CRÍTICAS

over the African continent that after three plus centuries of slave trade, followed by European colonial and imperial domination, and the 'scramble for Africa' left it in a weak state from which Africa is still recovering today (Rodney, 1967, p. 21). There is no historical truth in denying that the slave trade in general hurt Africa's economy including Benin by creating areas of chaos, losing workers, buyers, and sellers and that instead it improved the continent's economy. Another common distortion of facts is also used by the author when she claims that "Kongo (...) elites desired European imports, but they had little of interest to sell to Portuguese other than slaves" (p. 61). Once again the author seems to be unaware of the realities of the Kongo Kingdom. Through her explanation she failed to mention how important ivory was to European and Kongo traders, the disappointment of Kongo kings when they saw Europeans not providing their side of trade agreements, the destruction of the regimento that regulated Kongo and European relationships, how much Alfonso refused to sell slaves, and how he finally led a 30-year war against the Portuguese. (Monteiro-Ferreira, 2014; Vansina, n.d.; Karenga, 2002)

Captives as Commodities shows the slave trade through a liberal Eurocentric viewpoint. The central theme runs around the merits and benefits that resulted from slave trade: Europeans financed, and created a global market for African slavery; they used the African elite as an accomplice; Africans equally participated and profit from it. Historical evidence of chaos, disruption and evil are missed.

The author does a great job in her statistics and calculations of how many slaves were taken and where they were placed, but she makes a mistake by not taking a serious historical approach to examine the African participation in the European slave trade.

There are so many misjudgments about Africans involvement in the European slave trade that one can only conclude that the author did not deeply look at Africa's participation in it. The book and these two chapters in particular show that Lindsay examined African history only as an extension to European history and not on its own merits.



RECENSÕES CRÍTICAS

REFERENCES

ASANTE, M. (2007). *The History of Africa. The Quest for Eternal Harmony*. New York & London: Routledge.

DAVIDSON, B. (1961). *Black Mother: The Years of the African Slave Trade*. Boston: Little Brown.

_____ (1977). *A History of West Africa 1000-1800*, London: Longmans.

EQUIANO, O. (1999). *The Life of Olaudah Equiano, or, Gustavus Vassa, the African*. Mineola, N.Y.: Dover Publications.

INIKORI, J. (ed.)(1982). *Forced Migration: The Impact of the Slave Trade on African Societies*. New York: Africana Publishing Company.

KARENGA, M. (2002). *Introduction to Black Studies*. Los Angeles, CA: University of Sankore Press.

MONTEIRO-FERREIRA, A. (2014). *The Demise of the Inhuman. Afrocentricity, Modernism, and Postmodernism*. Albany: State University of New York Press.

RODNEY, W. (1972). *How Europe Underdeveloped Africa*. London: Bogle-L'Ouverture Publications.

_____ (1967). *West Africa and the Atlantic Slave Trade*. Nairobi: East African Pub. House.

LINDSAY, L. A. (2008). *Captives as Commodities: The Transatlantic Slave Trade*. New Jersey: Pearson Prentice Hall.



RECENSÕES CRÍTICAS

VANSINA, Jan. "The Kingdom of Kongo until the Jega Invasion." 37-69. n.d.
Northwestern University Library. Guide to the Jan Vansina Papers.

<http://findingaids.library.northwestern.edu/catalog/inu-ead-afri-archon>